

“Se esta rua fosse minha”: um projeto interdisciplinar numa escola do 1.º Ciclo em Portugal

“If this street were mine”: an interdisciplinary project in a primary school in Portugal

Ana Raquel Simões¹
CIDTFF - Universidade de Aveiro
anaraquel@ua.pt

Resumo: Neste texto, vimos dar conta do trabalho interdisciplinar (áreas de Português, Estudo do Meio, Matemática, Expressões (Física e Motora, Artística) e Cidadania), desenvolvido na formação inicial de professores, na unidade curricular “Projetos de Intervenção Educacional” da Licenciatura em Educação Básica da Universidade de Aveiro (UA), por um grupo de estudantes e sua orientadora, junto de uma turma de 25 crianças do 3º ano de escolaridade. O trabalho resultou do protocolo entre a Câmara local e a UA, relativo ao projeto “Se esta rua fosse minha”, onde se pretende desenvolver o espírito de pertença e de comunidade, envolver as famílias das crianças e construir um jogo didático, o Ilhopólio.

Palavras-chave: Formação de professores; Interdisciplinaridade; Jogo didático

Abstract: In this text, we will present an interdisciplinary project (areas of Portuguese, Science, Mathematics, Expressions -Physical and Artistic- and Citizenship), developed in a programme of initial training of teachers, in the curricular unit “Educational Intervention Projects” of the Degree in Basic Education at the University of Aveiro (UA), by a group of future teachers and their supervisor, together with a class of 25 children in the 3rd year of schooling. The work resulted from the protocol between the local municipality and the UA, regarding the project “If this street were mine”, where the intention was: to develop

¹ Centro de Investigação em Didática e Tecnologia na Formação de Formadores, Universidade de Aveiro, Portugal.

the spirit of belonging and community, to involve the children's families and to build a didactic game, Ilhopólio.

Keywords: Teacher training; Interdisciplinarity; Didactic games

Introdução

Em Portugal, e mais especificamente na Universidade de Aveiro (UA), uma das unidades curriculares do Curso de Licenciatura em Educação Básica, formação inicial de professores e educadores, é a de Projetos de Intervenção Educacional (PIE), que decorre de forma anual no 3º ano do plano de estudos. Foi no âmbito desta UC que um grupo de quatro estudantes, futuras professoras/educadoras, levou a cabo um projeto de intervenção em terreno com uma turma do 1º Ciclo do Ensino Básico, durante o segundo semestre, sob orientação de uma supervisora da Universidade e da professora titular da turma. Neste texto, vimos dar conta desse trabalho, que se caracterizou por ser interdisciplinar (envolvendo por exemplo as áreas de Português, Estudo do Meio, Matemática, Expressões - Física e Motora, Artística- e Cidadania) e por estar ancorado num projeto de maior dimensão, o “Se esta rua fosse minha”. Este último resulta de um protocolo entre a autarquia local e a UA, bem como outros parceiros da comunidade, tendo como finalidade principal trabalhar as questões da toponímia do município e aproximar esta dos sujeitos, promovendo o seu sentimento de pertença ao meio local.

Iremos, assim, depois de uma breve contextualização curricular da formação inicial de professores em que este projeto se enquadra, refletir sobre a importância de desenvolver trabalhos sobre toponímia e educação junto de públicos escolares, centramo-nos no cariz interdisciplinar que estas abordagens podem oferecer. Serão descritas as atividades levadas a cabo pelo grupo de estudantes em formação, que tiveram o desafio acrescido de implementar o projeto em plena pandemia e durante o confinamento obrigatório vivido pelas crianças nas escolas portuguesas no ano letivo 2019/2020.

A partir da análise sumária feita pelas estudantes da UA acerca do projeto implementado, baseada nas vozes das crianças, suas famílias e da professora cooperante, pretendemos dar conta das potencialidades desta tipologia de abordagem para as crianças, bem como para os grupos em formação inicial de professores/educadores.

Contextualização curricular da formação inicial

No âmbito da formação inicial de professores e educadores em Portugal, um dos percursos formativos consubstancia-se na obtenção de Mestrado profissionalizante para níveis diversificados, desde a Educação Pré-escolar, o 1º e 2º Ciclos do Ensino Básico, entre outros. As três formações anteriormente referidas são antecedidas de um grau de Licenciatura em Educação Básica, de 3 anos (6 semestres), com um total de 180 ECTS (sistema de créditos). Nesta formação, a iniciação à prática em contextos educativos ocorre na unidade

curricular “Projetos de Intervenção Educacional”, existente desde 2008, no 3º ano da licenciatura (NEVES & SIMÕES, 2014).

Esta UC configura-se como um meio de mobilização e integração das competências desenvolvidas nas outras áreas curriculares, inserindo-se na componente de “iniciação à prática profissional” e projetando o conhecimento da realidade educativa na sua diversidade (NEVES, 2008, p. 1).

Nesta UC é, pois, criada uma oportunidade de refletir e desenvolver competências de acordo com a diversidade dos contextos educativos observados, onde o trabalho de formação implica a constituição de grupos de estudantes (cerca de três a quatro elementos cada). Trata-se de uma UC anual, em que o trabalho a desenvolver no 1º semestre consiste sobretudo na preparação da observação (através de um conjunto de seminários, acompanhamento de orientadores, criação de instrumentos de observação,...) e na observação de dois contextos educativos diferenciados (desde Agrupamentos de escolas públicas ou colégios privados, com salas de pré-escolar, 1º e 2º Ciclos do Ensino Básico, a Instituições Particulares de Solidariedade Social, a serviços educativos de autarquias locais, Museus, Centros de Ciência Viva, ...) durante um dia da semana. Note-se que a constituição desta rede de formação é muito diversificada e plural e tem, nos últimos anos, sido “motivo de reflexões dos estudantes, a fim de encararem que a aprendizagem e desenvolvimento das crianças e jovens podem ocorrer em vários contextos educativos” (JANE & NEVES, 2014, p. 46).

No 2º semestre o trabalho consiste na conceção, planificação e implementação de um projeto educativo num dos contextos observados no semestre anterior. Cada grupo de estudantes é apoiado quer pelo professor orientador da Universidade, quer pelo orientador do contexto, que será um docente/educador/técnico da instituição pré-selecionada. Será com o apoio e orientação destes dois elementos que cada projeto é planificado e que se delineiam as técnicas e instrumentos de recolha de dados da observação, com vista a fazer uma avaliação do trabalho desenvolvido, quer junto do público-alvo, quer no âmbito da formação dos estudantes.

No ano letivo de 2019/2020, a UC de PIE contou com a participação de um total de 49 estudantes, organizados em 14 grupos. A equipa de formação de PIE integra um coordenador da UC e um grupo variável de docentes da UA, com uma formação diversificada em termos científicos e de áreas do saber, e com experiência em supervisão de processos de formação inicial. No ano letivo em causa, eram 12 os professores orientadores a acompanhar os grupos. Relembramos que os objetivos da UC eram levar os estudantes em formação a: “1. Compreender as problemáticas em educação, reconhecendo a sua complexidade, nomeadamente no que se refere ao desenvolvimento de projetos educativos; 2. Evidenciar capacidade de leitura da realidade, observando e refletindo sobre práticas e projetos em contextos educativos, formais e não formais; 3. Argumentar e sustentar fundamentadamente um projeto; 4. Contribuir para a criação de um clima de trabalho colaborativo, com diferentes parceiros e em ambiente diversos e 5. Desenvolver competências específicas para a construção de um projeto.” (SIMÕES, 2019, p. 5).

O trabalho que apresentamos no presente artigo é o resultado de um desses projetos, desenvolvido por um grupo de quatro estudantes e sua orientadora, junto de uma turma de 25 crianças do 3º ano de escolaridade (crianças com cerca de 8 anos de idade).

Contextualização local do projeto de intervenção

O trabalho de intervenção do projeto em causa articulou-se com um protocolo assinado entre a autarquia local e a UA, relativo ao projeto “Se esta rua fosse minha” (<https://www.cm-ilhavo.pt/comunicacao/noticias/noticia/projeto-municipal-se-esta-rua-fosse-minha-envolve-a-comunidade-na-descoberta-do-patrimonio-toponimico>).

Realçando a importância de desenvolvimento de um trabalho articulado entre a comunidade (alargada e educativa), os órgãos municipais e as instituições (quer de ensino superior, quer associações locais), o Centro Documental de Ílhavo, pertencente à Câmara Municipal, iniciou o projeto “Se esta rua fosse minha”, envolvendo a Universidade de Aveiro, os Agrupamentos de Escolas do município (Agrupamentos de Escolas de Ílhavo, da Gafanha da Nazaré e da Gafanha da Encarnação) e a Universidade Sénior.

No âmbito do protocolo, a Universidade de Aveiro envolveu sobretudo dois dos seus Departamentos, sendo um deles o de Educação e Psicologia, responsável pela formação em Educação Básica que referimos atrás e foi assim decidido que seria na UC de PIE que o trabalho se centraria ao nível da formação inicial de futuros educadores e professores.

O grupo de estudantes de PIE desenvolveu em contexto um projeto interdisciplinar, cujos objetivos gerais eram levar as crianças a: desenvolver o espírito de pertença e de comunidade; identificar datas, acontecimentos, figuras, factos importantes da história da cidade, nomeadamente através do uso de toponímia; desenvolver de forma articulada competências das crianças em diferentes áreas, tendo por base a toponímia; envolver as famílias na procura de informação sobre a história do município de Ílhavo; reconhecer a importância das diferentes fases de construção de um jogo educativo, das normas de utilização do mesmo, bem como os cuidados a ter na sua utilização e conservação. Deste modo, o output consistiu na realização de um jogo, “O Ilhopólio”, em colaboração com as crianças.

O trabalho desenvolvido centrou-se num estudo da toponímia local e foi desenvolvido de forma interdisciplinar, já que envolveu as áreas de Português, Estudo do Meio, Matemática, Expressões (Física e Motora, Artística) e Cidadania, como descreveremos mais à frente.

Toponímia e educação

A ideia inicial de se trabalhar a toponímia em contexto educativo no âmbito de um projeto que envolvesse diferentes áreas disciplinares baseou-se na perspectiva de que a toponímia pode constituir-se como uma estreita relação com o património histórico e cultural de uma comunidade e com a sua preservação, englobando desde aspetos físico-geográficos, a sócio-histórico-culturais.

Pensando no entendimento do que é a toponímia, remetemos a sua definição para as palavras de Tichelaar:

Toponymy is the science that has as its subject the study of geographical names or toponyms. As all other names, toponyms belong to languages. Names in general are only rarely randomly chosen, and this is especially true in the case of geographical names. Whether they carry a physical meaning like Mont Blanc (‘White Mountain’), or they were coined to honour someone (Washington, District of Columbia), to commemorate some historic event or to make clear to whom the named object belonged (Paris, from Latin ‘Lutetia Parisiorum’ = ‘Lutetia of the [Gallic tribe named the] Parisians’), in all cases they once used the vocabulary and followed the grammatical and orthographic rules of a certain language. (2002, p. 2).

Segundo Alexandre Melo de Sousa, o carácter pluridisciplinar do signo toponímico permite que este se constitua como

um meio para conhecer: a. a história dos grupos humanos que vivem ou viveram na região; b. as características físico-geográficas da região; c. as particularidades sócio-culturais do povo (o denominador); d. extratos lingüísticos de origem diversa da que é utilizada contemporaneamente, ou mesmo línguas que desapareceram; e. as relações estabelecidas entre os agrupamentos humanos e o meio ambiente. (2007, p.2).

De facto, a percepção inicial de que a toponímia era “apenas” o estudo da origem e do significado etimológico dos nomes de lugares foi claramente ultrapassada por um entendimento mais lato do que engloba, percebendo-se que quando se analisam os nomes de lugares desenvolvem-se conhecimentos relacionados quer com aspetos geográficos e físicos, quer com conhecimentos históricos e culturais da região em causa, englobando diferentes áreas (ANDRADE, 2012). Esta mesma autora refere que “não se pode pensar a toponímia desvinculada de outras ciências como história, geografia, antropologia, cartografia, psicologia e a própria linguística” (ANDRADE, 2010, p. 105). De facto, a toponímia assume-se, como uma disciplina de carácter interdisciplinar dado o entrecruzamento de diversos campos de conhecimento, desde a linguística à geografia, ressaltando-se a complexidade associada à nomeação de um território (TORT DONADA, 2001), em que a etimologia convoca outras áreas científicas em duas vertentes: “uma imanente, constituída por diferentes subdomínios dos estudos linguísticos (fonologia, morfologia, semântica), e outra externa, associando-se ao conhecimento desenvolvido por outras disciplinas científicas (história, geografia, antropologia). Reconheça-se, portanto, que, quando se trata de definir o estatuto científico e epistemológico da toponímia e etimologia, assoma constantemente o tema da interdisciplinaridade.” (ROCHA, 2017, p. 44).

Segundo Dick, (1990, p. 19), a toponímia é, pois, “um imenso complexo línguo-cultural, em que dados das demais ciências se interseccionam necessariamente e, não, exclusivamente”. Em muitos contextos, a

verdade é que a aposta tem sido sobretudo no desenvolvimento de estudos sobre toponímia, quer em Portugal, quer no Brasil, mas sem a perspetiva escolar. No entanto, também já se encontram algumas propostas de trabalho educativo com as questões da toponímia, desde trabalhos com propostas de estudo do léxico com turmas do 6º ano (Santos, 2020), a trabalhos sobre toponímia e o uso de software pedagógico (Andrade & Nascimento, 2017), a propostas para o nível básico (MELO DE SOUSA, 2007) ou a outras pesquisas como as de Andrade (2010,2011, 2012, 2017), Nunes (2015) ou Melo (2015), sem sermos demasiado exaustivas. Destacamos o exemplo de Velasco e Tavares (2017), por apresentarem um esboço de uma sequência de 10 atividades didáticas a implementar no Ensino Fundamental, usando como tema principal o nome próprio de lugar e englobando três disciplinas do currículo escolar. Como referem as autoras:

o objetivo principal foi propor uma sequência de atividades que proporcionassem aos estudantes a ampliação de seus em várias áreas do saber, sobretudo em Língua Portuguesa, Geografia e História, partindo de um tema relativamente inovador (Onomástica, especialmente Toponímia) e de uma realidade do cotidiano imediato (o próprio nome, o nome da escola, da cidade, das ruas mais próximas). (VELASCO & TAVARES, 2017, p. 35-36).

Em algumas das propostas apresentadas, o trabalho divide-se muitas vezes em duas fases, uma primeira de recolha fundamentada de informação; uma segunda de análise dos topónimos coletados. Devemos referir que no âmbito do projeto que hoje descrevemos, a recolha da listagem de topónimos do concelho de Ílhavo foi desenvolvida por uma equipa do Centro de Documentação de Ílhavo, que facultou às estudantes de PIE a listagem de topónimos usados no município (sem informação associada).

Relativamente ao trabalho em contexto educativo, Melo de Sousa, por exemplo, propõe a implementação de um modelo onde, num primeiro momento o professor fornece informações sobre a ciência toponímica (parte da Onomástica que estuda os nomes próprios de lugares), esclarecendo as diferenças com a Antroponímia (parte da Onomástica que estuda os nomes próprios de pessoas). Será ainda importante que o professor leve os alunos a compreender “a importância da pesquisa toponímica (...) e a contribuição que eles darão, como pesquisadores toponímicos, para a comunidade presente e futura, na preservação do património toponomástico.” (2007, p. 5).

Moura dos Santos (2019), por sua vez, apresenta uma proposta didático-pedagógica de intervenção para turmas do 6º ano do Ensino Fundamental II, mas sob uma perspetiva interdisciplinar, que interrelacionou as disciplinas de Língua Portuguesa, História e Geografia, em dez momentos, durante oito sessões, com os seguintes objetivos:

levar os alunos a perceberem a inter-relação entre léxico e cultura, buscando compreender o ato de nomear lugares; propiciar situações de aprendizagem que contribuam no sentido de levar o aluno a conhecer a história cultural e geográfica dos bairros no entorno da escola; apresentar aos alunos a Toponímia aplicada ao ensino da Língua Portuguesa, como recurso de aprendizagem interdisciplinar, através de atividades vinculadas ao conhecimento sobre o local onde vivem; identificar o padrão motivador desses nomes, resultantes das diversas tendências étnicas registradas, destacando que o nome dos lugares são repletos de significado social e memórias individuais e coletivas. (MOURA DOS SANTOS, 2019, p. 7).

Acreditamos, pois, nas potencialidades do trabalho interdisciplinar no âmbito educativo, por pensarmos nesta abordagem como uma postura diferente em relação às diferentes áreas do saber, que deixam de ser vistas como fechadas ou enclausuradas, equacionando por isso formas de romper com os limites das disciplinas. No trabalho escolar, esta dinâmica de Interdisciplinaridade assume-se como uma forma de organização curricular onde se procura dar significado ao conhecimento escolar, mediante uma contextualização, tentando-se evitar a compartimentalização.

No projeto que apresentamos neste artigo, a toponímia assumiu-se como a base para o desenvolvimento de um trabalho interdisciplinar, exatamente porque se acredita nas potencialidades que esta área pode assumir neste campo. Como afirma Moura dos Santos no seu estudo, a toponímia é uma das possibilidades para este trabalho interdisciplinar, “uma vez que os estudos toponímicos possuem uma relação entre os aspectos linguísticos, sócios-culturais e geográficos. Seu caráter interdisciplinar favorece, portanto, a aquisição de múltiplos conhecimentos frente ao processo de ensino e aprendizagem” (2019, p. 36).

Também Andrade e Dick (2012, p. 205) ressaltam a importância da toponímia para diferentes áreas, ao afirmarem que a toponímia

É considerada uma fonte de informação para os historiadores (colonização, imigração, histórica e memória oral, etc.), antropólogos (identidade, relação homem, cultura e meio social), biólogos (nomes de seres que compõem determinado bioma), botânicos (nomes de plantas) e outros pesquisadores. A linguística, particularmente, permite estudar a evolução fonética, a etimologia, os aspectos morfosintáticos e semântico-lexicais. Fruto de um movimento de aglutinação de aspectos sociohistóricos, culturais, geográficos e linguísticos, os nomes de lugares revelam a origem dinâmica dos lugares; tornando rica a

maneira pelo qual os atores sujeitos se utilizam da linguagem para imprimir no espaço uma variedade de significados.

De facto, além de cruzar diferentes áreas do saber, a toponímia encoraja ainda a interação do sujeito com o ambiente e permite ao professor centrar o seu ensino cada vez mais no aluno e no contexto onde ele se insere, aproximando a escola da comunidade envolvente e auxiliando na compreensão e reflexão sobre essa realidade.

Note-se que ao trabalhar a interdisciplinaridade através de um trabalho com a toponímia concordamos com a posição de Velasco e Tavares (2017), quando afirmam que “Quando associamos a toponímia ao ensino, o viés mais enfocado é o que considera e “aproveita” o seu caráter interdisciplinar. Ressaltamos que, ao nos referirmos à interdisciplinaridade que é inerente à Toponímia, estamos considerando “disciplina” como áreas de conhecimento e não exatamente como disciplinas escolares.” (p. 17).

Desenvolvimento do projeto

Compreendendo das potencialidades do trabalho da toponímia numa perspetiva interdisciplinar, foram analisados os documentos portugueses reguladores para o 3º ano do Ensino Básico, nomeadamente as Aprendizagens Essenciais (Ministério da Educação, 2017) no que diz respeito às áreas do Estudo do Meio, Português, Matemática e Educação Artística e o Modelo das Competências para a Cultura Democrática (Conselho da Europa, 2018), no âmbito da Cidadania, o que levou à identificação de um conjunto de objetivos que podiam ser trabalhados neste projeto, que listamos na tabela abaixo.

Tabela 1. Áreas curriculares e seleção de objetivos a desenvolver no âmbito do projeto

Áreas curriculares	Levar os alunos a...
Estudo do Meio	<ul style="list-style-type: none">- Valorizar a sua identidade e raízes, respeitando o território e o seu ordenamento, outros povos e outras culturas, reconhecendo a diversidade como fonte de aprendizagem para todos;- Identificar elementos naturais, sociais e tecnológicos do meio envolvente;- Identificar acontecimentos relacionados com a história pessoal e familiar, local e nacional, localizando-os no espaço e no tempo, utilizando diferentes representações cartográficas e unidades de referência temporal;- Mobilizar saberes culturais, científicos e tecnológicos para compreender a realidade - Comunicar adequadamente as suas ideias, através da utilização de diferentes linguagens (oral,

Simões – “Se esta rua fosse minha”

	<p>escrita, iconográfica, gráfica, matemática, cartográfica, etc.), fundamentando-as e argumentando face às ideias dos outros.</p> <p><u>Na operacionalização:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - Relacionar datas e factos importantes para a compreensão da história local (origem da povoação, batalhas, lendas históricas, personagens/personalidades históricas, feriado municipal); - Reconhecer vestígios do passado local: construções; instrumentos antigos e atividades a que estavam ligados; costumes e tradições.
Matemática	<p>Promover a aquisição e desenvolvimento de conhecimento e experiência em Matemática e a capacidade da sua aplicação em contextos matemáticos e não matemáticos.</p> <p>Desenvolver atitudes positivas face à Matemática e a capacidade de reconhecer e valorizar o papel cultural e social desta ciência.</p> <p><u>Na operacionalização:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - Explorar, analisar e interpretar situações de contextos variados que favoreçam e apoiem uma aprendizagem matemática com sentido (dos conceitos, operações, propriedades, regras e procedimentos matemáticos). - Realizar tarefas de natureza diversificada (projetos, explorações, investigações, resolução de problemas, exercícios, jogos).
Português	<ul style="list-style-type: none"> - Desenvolver a competência da oralidade (compreensão e expressão) com vista a interagir com adequação ao contexto e a diversas finalidades (nomeadamente, expor conhecimentos, apresentar narrações, discutir com base em pontos de vista); - Desenvolver a competência da leitura (...); - Promover a educação literária com a criação de uma relação afetiva e estética com a literatura e com textos literários (...); - Desenvolver a competência da escrita (...).
Educação artística - Artes Visuais	<ul style="list-style-type: none"> - Observar os diferentes universos visuais, tanto do património local como global (...); - Mobilizar a linguagem elementar das artes visuais (cor, forma, linha, textura, padrão, proporção e desproporção, plano, luz, espaço, volume, movimento, ritmo, matéria, entre outros), integrada em diferentes contextos culturais (movimentos artísticos, épocas e geografias). - Apreciar as diferentes manifestações artísticas e outras realidades visuais. - Transformar os conhecimentos adquiridos em novos modos de apreciação do mundo, através da comparação de imagens e/ou objetos.

Simões – “Se esta rua fosse minha”

	- Integrar a linguagem das artes visuais, assim como várias técnicas de expressão (pintura; desenho - incluindo esboços, esquemas, e itinerários; ...) nas suas experimentações: físicas e/ou digitais.
Cidadania	<p>Valores: - valorizar a democracia, a justiça, a equidade, a igualdade e o Estado de Direito;</p> <p>Capacidades: desenvolver as capacidades de: i. análise de pensamento crítico; ii. escuta e observação; iii. Cooperação; iv. Capacidades linguísticas e comunicativas</p> <p>Conhecimentos e compreensão crítica: desenvolver o conhecimento: i. de si mesmo; do mundo (política, direito, cultura e culturas; história, ...)</p> <p>Atitudes - demonstrar: abertura à alteridade cultural e às convicções, visões do mundo e práticas diferentes; respeito; espírito crítico; responsabilidade.</p>

A partir desta análise, foram planificadas detalhadamente nove sessões para o projeto, onde o envolvimento das crianças e das suas famílias foram sempre o foco principal. A primeira sessão consistiu na observação da dinâmica da turma durante um dia inteiro com a professora titular, que acompanhou o grupo estudantes da Universidade. Note-se que anteriormente a este dia de observação já tinham sido realizadas observações diárias durante o 1º semestre, pelo que as estudantes em formação já conheciam minimamente a turma e as suas rotinas.

Na planificação do projeto, a segunda sessão consistiria na apresentação do projeto “Se esta rua fosse minha” à turma e na discussão dos conceitos de toponímia, rua, beco, travessa, calçada, avenida e praças com as crianças. Na terceira sessão estava planificada uma leitura e análise do livro “Rua do silêncio”, o preenchimento de uma ficha com questões sobre a obra e a elaboração de um desenho “O que mais gosto de fazer na minha rua?”, abordando questões relativas à área de Português (compreensão textual, produção oral, bem como aspetos relacionados com a análise do peritexto). Na quarta sessão, iria ocorrer a apresentação dos trabalhos realizados pelos alunos no âmbito da área de Estudo do Meio, onde lhes tinha sido solicitado que procurassem informação sobre topónimos da sua zona de residência, juntamente com fotos e outros documentos que considerassem válidos.

Posteriormente procedíamos à formação de grupos de trabalho e a distribuição “das ruas” identificadas pelos grupos. Na quinta sessão, o grupo iria fazer juntamente com a turma a seleção da informação sobre as ruas retirada dos trabalhos apresentados na sessão anterior (Sessão 4) e a discussão e formulação das perguntas para o jogo a construir, que se constituiria como uma versão do Monopólio adaptada ao município em causa, daí o nome “Ilhopólio”, sendo que as casas do jogo seriam as ruas, becas, praças e avenidas da freguesia a que a escola pertence. Na sexta sessão, as crianças iriam proceder à elaboração dos cartões para cada “casa” do jogo de tabuleiro, ou seja, um conjunto de questões sobre cada um dos topónimos a que os jogadores teriam de responder no momento da jogada. Desta forma, estariam a trabalhar-se não só aspetos relacionados com a produção escrita e oral (Português), mas também com o conhecimento do meio local (Estudo do Meio), a Matemática num conjunto de questões relacionadas com operações matemáticas e

geométricas, bem como as Expressões Artísticas (pela criação em termos de design quer dos tabuleiros quer dos cartões associados, quer da análise de imagens identificadas). Na sétima sessão, iriam ser discutidas e definidas as regras do jogo com as crianças. Na oitava sessão, iria dar-se início à construção do jogo de tabuleiro propriamente dito, que seria apresentado aos pais numa nona sessão conjunta, aberta à comunidade escolar e à comunidade alargada, com convite a todas as famílias para irem à escola.

Foram planificadas estas nove sessões para a implementação do projeto, no entanto, com o aparecimento do COVID-19 e com a interrupção das aulas em regime presencial a partir de 13 de maio de 2020, viveu-se um confinamento obrigatório que, conseqüentemente, levou à necessidade de adaptação da planificação atrás descrita para o projeto. Estando com um regime de aulas @distancia com uma cadência de cerca de 3 sessões semanais síncronas da professora cooperante com a turma, percebeu-se que seria impossível que o grupo de PIE desenvolvesse 8 sessões síncronas. Após reunião com a professora cooperante do contexto, foi proposto ao grupo a realização de duas sessões síncronas com a turma com a presença da professora da turma e da orientadora da UA, usando a plataforma GoogleMeets. Nestas sessões o grupo tentou adaptar e adequar as planificações anteriores, articulando estes momentos síncronos com algum trabalho desenvolvido pela própria titular de turma.

Na primeira sessão síncrona, realizada no dia 2 de junho de 2020, foi apresentado o projeto “Se esta rua fosse minha” à turma, tendo sido trabalhados os conceitos de toponímia, rua, beco, travessa, calçada, avenida e praças, tendo sido pedidas opiniões aos alunos recurso a tecnologia, como o Kahoot ou Mentimeter. Foram ainda apresentadas as ruas de residência das estudantes da UA, que mostraram fotos reveladoras das evoluções que as suas ruas sofreram desde a sua infância até à tua atualidade (sendo todas elas de freguesias e distritos diferentes). Em relação ao jogo “Ilhopólio” foram discutidas as regras que este podia seguir, tendo sido pedido à turma que respondesse a um quiz online (Mentimeter) para ajudar na seleção das cores do tabuleiro e dos peões do jogo. Em conjunto com as crianças, foi explorada a ferramenta Google Maps (demonstração utilizando a rua onde se situa a escola), para se lançar o desafio à turma de pesquisar com a família a distância da rua onde vivem até à escola, utilizando esta ferramenta.

Na segunda sessão síncrona, realizada no dia 9 de junho de 2020, começou-se por apresentar os resultados do quiz realizado online na sessão anterior, foram discutidas com a turma as regras do “Ilhopólio” e testadas com as crianças as quatro perguntas inseridas nos cartões, que foram previamente distribuídos pela titular da turma. Durante esta sessão, ainda houve um momento reservado para o esclarecimento de dúvidas, bem como a sugestão de ideias por parte das crianças de forma a melhorarmos o tabuleiro do jogo.

Por fim, para que os alunos e os seus familiares conseguissem ter acesso ao tabuleiro (Anexo 1), aos peões (Anexo 2), aos cartões (Anexo 3) e às regras do jogo em formato digital, foi enviado um documento por e-mail à docente da turma para esta divulgar os materiais junto de todos os alunos e respetivas famílias.

Avaliação do projeto

De forma a avaliar a implementação do projeto, o grupo de PIE optou por realizar um inquérito por questionário direcionado às crianças e às famílias, para que estas tivessem a possibilidade de partilhar as suas opiniões relativamente ao projeto. De maneira a divulgar este questionário foi pedido à docente responsável da turma para enviar via e-mail aos encarregados de educação o link que dava acesso ao questionário referido. É de salientar que também pedimos a opinião da docente, através de um conjunto de questões abertas a que foi solicitado que respondesse por email.

Passando agora à análise dos dados obtidos através do questionário, podemos referir, em primeiro lugar, que houve muita adesão na resposta das crianças e dos seus respetivos encarregados de educação. No que diz respeito às questões direcionadas para os alunos, a primeira questão era: “O que achaste do Ilhopólio (Gostaste de o jogar ou gostavas de o ter em casa?)”, a resposta mais frequente foi “Sim, gostava de o ter em casa”. A segunda questão, “O que achaste das duas sessões no Google Meets [plataforma de realização das sessões síncronas] com o nosso grupo?”, os alunos afirmaram na totalidade terem gostado, referindo por exemplo: “Gostei muito” ou “Foi divertido”. A última pergunta, “Mudarias alguma coisa no nosso projeto? Se sim, o quê?”, levou a que apenas crianças indicassem possíveis alterações ao jogo, ora relacionadas com o aspeto físico (“Eu mudaria a cor do tabuleiro para preto”), ora com anexos ao tabuleiro (“Acrescentava uma ampulheta” para a contagem de tempo), ora ainda com aspetos relacionado com uma das “casas” (“Sim, em vez de ir para a prisão, iam para a Barquinha [zona da localidade onde reside]”).

No que concerne as questões direcionadas aos encarregados de educação, à primeira (“Já ouviu falar do projeto “Se esta rua fosse minha...”?”), a maioria respondeu “Sim”, o que demonstra que as crianças partilhavam em casa o que estava a decorrer nas sessões da escola. À questão “Como teve conhecimento do nosso projeto?”, os encarregados responderam “Através da professora”, “Através do meu filho” e “Através da escola”, denotando de novo a importância da comunicação entre a escola e a família. Na questão “Assistiu ou teve conhecimento das duas sessões síncronas realizadas com a turma?”, todos os encarregados de educação responderam que “Sim”, porque de facto, na sessão final estavam presentes acompanhantes familiares de todos os alunos. À penúltima questão - “Qual a sua opinião em relação ao projeto desenvolvido em conjunto com a turma?” - as respostas foram variadas, visto que era uma resposta aberta e todos os encarregados tiveram opiniões diferentes, no entanto todas bastante positivas. Passando à última questão, “Gostaria de ter acesso ao jogo “Ilhopólio” em sua casa?”, todos responderam “Sim”, o que revela a importância que deram à criação do jogo de tabuleiro em causa.

Importa ainda referir que a professora titular da turma também fez a sua “avaliação” em relação ao empenho demonstrado pelo grupo de estudantes de PIE no desenvolvimento deste projeto com os alunos da turma, dando importância ao facto de terem conseguido “cativar a atenção dos alunos” e de, em termos atitudinais terem demonstrado abertura: “Dando-lhes a oportunidade de trabalharem mais diretamente com os alunos, aceitaram de bom grado o desafio e senti nelas, um desejo de iniciar verdadeiramente e com garra,

a sua profissão.”, além de que “a sua relação com os alunos continuou muito forte conseguindo atingir muito positivamente os objetivos a que se proponham”.

No que diz respeito às estudantes da UA, foi-lhes solicitado que realizassem um relatório final das atividades desenvolvidas no âmbito do projeto implementado, bem como que concebessem um poster digital, elemento que suporta a apresentação final de ano da UC de PIE de todos os estudantes. Segundo uma análise feita com base nas respostas dos estudantes de anos anteriores, as apresentações dos estudantes “têm sido consideradas por parte dos estudantes como espaços fundamentais de formação, pelo caráter de exigência na sua preparação e fundamentação, que procuram ir ao encontro do facto de que “a reflexão, para ser eficaz, precisa de ser sistemática nas suas interrogações e estruturante dos saberes dela resultantes” (ALARCÃO, 2005, p. 46).

Ao analisarmos a reflexão final escrita pelo grupo de estudantes, para além de identificarmos uma clara perceção sobre as potencialidades do trabalho interdisciplinar com a toponímia, percebemos que elas destacam como uma das principais aprendizagens decorrentes da implementação do projeto terem compreendido que o foco deste trabalho deve ser o aluno: “o foco são os alunos dando-lhes liberdade para se questionarem uns aos outros, por exemplo através da realização das questões dos cartões (...) decidimos mudar a estratégia ficando eles com essa tarefa” (Relatório final, p. 13). O grupo de estudantes enfatiza ainda a importância da UC de PIE enquanto momento de Iniciação à Prática de Ensino: “esta unidade curricular foi muito importante como forma de ensino para uma futura prática profissional, visto que, apesar da situação que estamos a enfrentar, foi possível interagirmos com as crianças e organizarmos atividades para que desenvolvam as suas capacidades e envolver a comunidade bem como trabalhar em parceria” (idem, p. 14).

Conclusões

A partir do trabalho desenvolvido com as crianças, compreendemos como as estudantes universitárias em formação desenvolveram não só conhecimento sobre a toponímia e as suas potencialidades educativas, nomeadamente em termos de implementação interdisciplinar, como percebemos a importância que a observação do contexto e a análise dos documentos reguladores pode assumir para a evolução do conhecimento profissional sobre o processo educativo.

O projeto desenvolvido em contexto assumiu-se como uma forma de aproximar as crianças do meio local, bem como de envolver as famílias neste processo, dado o interesse e entusiasmo demonstrado pelos Encarregados de Educação no acompanhamento das sessões e na criação do próprio jogo. Acreditamos que o facto de o desenvolvimento do projeto em contexto estar ancorado num projeto mais lato, que envolvia diferentes instituições também serviu para um enquadramento bem conseguido de todo o trabalho realizado.

Destacamos, ainda, a importância de uma UC de iniciação à prática profissional, prévia à prática pedagógica supervisionada (que acontece apenas no segundo ano do Mestrado), para a formação das futuras

professoras e educadoras, nomeadamente no que diz respeito ao desenvolvimento de competências relacionadas com observação e reflexão sobre contextos e processos educativos, bem como suas potencialidades, nomeadamente no que concerne um trabalho interdisciplinar no 1º Ciclo do Ensino Básico.

Referências

ALARCÃO, I. Professores reflexivos em uma escola reflexiva. São Paulo: Cortez, 2005.

ANDRADE, K. S. Atlas toponímico de origem indígena do Estado do Tocantins. Goiânia: Ed. PUC, 2010.

ANDRADE, K. S. Os nomes de lugares em rede: um estudo com foco na Interdisciplinaridade. Revista Eletrônica de Linguística Domínios de Lingu@agem, vol. 6, n. 1, p. 205-225, 2012.

ANDRADE, K. S. Toponímia e ensino: uma interface interdisciplinar. In: M.J. Pinho; K.S. Andrade; D.V. Ramos. Ensino de língua e literatura: reflexões e perspectivas interdisciplinares. Goiânia: PUC, 2011.

ANDRADE, K. S. O lugar nos estudos toponímicos: reflexões. Revista de Estudos da Linguagem, v.25, n.2. 2017, p. 585-607.

ANDRADE, K. S.; NACIMENTO, R. Toponímia e ensino: desafios e perspectivas na implementação de um software pedagógico. In: Atas do XIII Seminário Nacional de Literatura, História e Memória e IV Congresso Internacional de Pesquisa em Letras no Contexto Latino-Americano. Cascavel: Unioeste, 2017, páginas. <http://www.seminariolhm.com.br/2018/simposios/03/simp03art07.pdf>

CONSELHO DA EUROPA. Quadro de Referência para uma Cultura da Democracia. Estrasburgo, 2018.

DICK, M. V. Toponímia e antroponímia no Brasil: coletânea de estudos. São Paulo: Gráfica da FLCH/USP, 1992.

DICK, M. V. A motivação toponímica e a realidade brasileira. São Paulo: Arquivo do Estado, 1990.

MELO, P. A. G.; A obra lexicográfica de uso escolar: O léxico toponímico e o dicionário pedagógico de língua portuguesa. In: Cadernos do CNLF, Vol. XIX, v. 2. Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2015.

MELO DE SOUSA, Alexandre. Toponímia e ensino: propostas para a aplicação no Nível Básico. In: Anais da II Jornada Nacional de Linguística e Filologia da Língua Portuguesa. V.01. Rio de Janeiro/RJ: CiFEFiL, 2007, p. 01-14.

http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos_teses/LinguaPortuguesa/toponimia_e_ensino_propostas_.pdf

MINISTÉRIO DE EDUCAÇÃO. Aprendizagens Essenciais – ensino básico. Lisboa, 2017.

<http://www.dge.mec.pt/aprendizagens-essenciais-ensino-basico>

NEVES, R. Guião da Unidade Curricular de Projetos de Intervenção Educacional. Aveiro: Universidade de Aveiro, (documento policopiado), 2008.

NEVES, R.; SIMÕES, A.R.; Projetos de Intervenção Educacional - caminhos de iniciação à prática profissional. In Poster do Teaching Day. Aveiro: Universidade de Aveiro, 2014.

NUNES, V. R. Toponímia e Ensino: estudo dos nomes de lugares de origem indígena no livro didático de geografia. Araguaína: Dissertação de Mestrado em Letras: ensino de Língua e Literatura, Universidade Federal do Tocantins, 2015.

SANTOS, L.; NEVES, R. Formando Licenciados em Educação Básica (Portugal): O papel dos Projectos de Intervenção Educacional. In: Congresso Internacional PBL. Anais Aprendizagem Baseada em Problemas e Metodologias Activas de Aprendizagem. São Paulo: USP, 2010.

SIMÕES, A. R. Guião da Unidade Curricular de Projetos de Intervenção Educacional. Aveiro: Universidade de Aveiro, (documento policopiado), 2019.

MOURA DOS SANTOS, M. Toponímia e interdisciplinaridade: uma proposta de estudo do léxico para turmas do 6.º ano do ensino fundamental. Rio Branco: Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Acre, 2019. Disponível em: http://www2.ufac.br/profletras/menu/Documentos/11_MICHELLYMOURADOSSANTOS.pdf/view

ROCHA, C. Etimologia dos Hidrotopónimos De Portugal Continental – História Linguística de um Território. Lisboa: Tese de doutoramento na área da Linguística Histórica, Universidade de Lisboa, 2017. Disponível em: https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/31972/4/ulfl242462_td.pdf

TICHELAAR, T. (2002). Toponymy and language. In: Ormeling, F.; Stabe, H.; e Sievers, J. Training course on toponymy: Enschede, Frankfurt am Main, Berlin 11 August – 6 September 2002, Frankfurt am Main, pp. 47-57. Disponível em

https://unstats.un.org/unsd/geoinfo/UNGEGN/docs/_data_ICAcourses/_HtmlModules/_Documents/D09/documents/D09-01_Tichelaaar.pdf

TORT DONADA, J. La toponímia com a camp de coneixement interdisciplinari. Algunes bases teòriques i epistemològiques per a l'estudi dels noms de lloc. Scripta Nova. Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales, vol V, N.º 86, 2001. Disponível em: <http://www.ub.edu/geocrit/sn-86.htm>

VELASCO, D.; TAVARES, M. Estudando língua portuguesa, história e geografia por meio da toponímia: uma proposta. Revista Arredia, Dourados, v.6, n.11, p.16-37, julho, 2017.

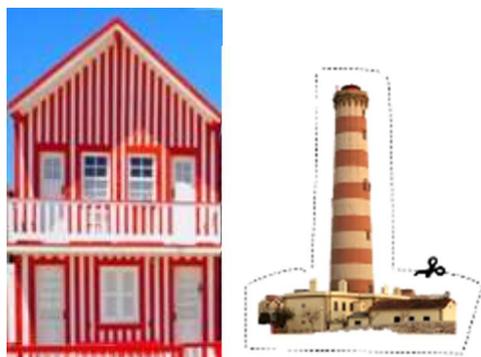
Anexos

Anexo 1



Simões – “Se esta rua fosse minha”

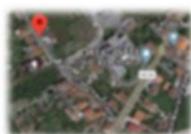
Anexo 2 – Exemplo de dois peões



Anexo 3- Exemplo de um cartão de jogo



Rua de Viriato Teles



Vilato Simões Teles



Coordenadas GPS: 40.597902, -8.673969

Perguntas

1. A Associação Cultural de Ilhaçó foi criada em 1908. Se regiu em 2018, quantos anos durou?
a. 5 anos
b. 2 anos
c. 24 anos
d. 6 anos
2. Vilato Simões Teles foi um grande fato no cidade de Ilhaçó. Qual?
a. Início a Avenida Maria Sacramento
b. Ocaso e Tufão de Pesca
c. [Ocupação Ilhaçó de Ilhaçó](#)
d. Construção uma casa de solidariedade
3. O Hospital de Maternidade de Ilhaçó começou a ser construído em 1915. Em que século foi?
a. XIX
b. XX
c. XVII
d. XXI
4. A Rua Viriato Teles é a porta...
a. [Da Igreja São da Immaculada de Ilhaçó](#)
b. Do Arma "O Olho Verde"
c. Dos Bombeiros Voluntários
d. Da Avenida 25 de Abril

Submetido: 20/12/2021

Aceito: 16/05/2022